

RELAÇÃO CIDADE-CAMPO NO CONTEXTO ALIMENTÍCIO DO ESTADO DE MATO GROSSO

Thamara Nayme de Arruda Nascimento¹

Luís Flávio de Araújo²

Raul Fernandes Teodoro³

Resumo

O estado de Mato Grosso é considerado o celeiro do país e o maior produtor de grãos, porém, a maior parte destes alimentos tem destino certo na exportação, via commodities, na busca pela ampliação do capital dos latifundiários, o que perpetua um processo de concentração de terras e na continuidade do plantio de uma cultura que tem pouca presença na mesa dos brasileiros, e atende unicamente o interesse do capital, ou seja, o lucro. Este trabalho aborda a atividade realizada na E. E. Ferreira Mendes, em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, que objetivou discutir a situação alimentícia do Estado a partir da relação cidade-campo e os principais modos de produção de alimentos, o conceito de soberania alimentar, a importância das feiras livres como canal de escoamento da agricultura familiar e as contradições agrárias existentes no estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Mercado. Alimentação. Soberania.

Introdução

O Estado de Mato Grosso - MT é conhecido como o celeiro do país, campeão na produção de soja, milho e algodão, entretanto grande parte destes grãos tem destino certo na exportação, via commodities, que tem como principal objetivo o aumento e a ampliação do capital dos latifundiários. O objetivo deste trabalho é discutir a situação alimentícia do Estado de Mato Grosso a partir da relação cidade-campo, através de uma atividade realizada em uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual de Cuiabá, com a proposta de analisar os principais modos de produção de alimentos e o conceito de soberania alimentar, discutir a respeito das contradições agrárias existentes no estado de Mato Grosso e mostrar a importância da feira livre como local de encontro de variedades de alimentos trazidos do campo.

Qualquer tentativa que se tenha de debater o conceito de soberania alimentar e os modos de produção no campo perpassa pela questão da propriedade privada da terra, visto que é preciso trazer elementos que contribuirão para o entendimento da constituição da

¹discente do curso de licenciatura em Geografia e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: thamara.nayme09@hotmail.com

² discente do curso de bacharelado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: lfaraujo21@hotmail.com

³ discente do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: raul-rft@hotmail.com

propriedade privada na terra no Brasil, como se dá essa concentração de terras e suas consequências para produção alimentícia. Ao se traçar um panorama histórico é possível observar que esta concentração é fruto de uma construção histórica do período de colonização, o processo de uso e ocupação do solo nesse período se deu em grandes áreas, chamadas de capitânicas hereditárias, era um regime de concessão de posse que a coroa portuguesa destinava a quem pleiteava a propriedade para exploração da então colônia Brasil, esse regime de concessão chamado posteriormente de sesmarias dá início a divisão injusta de terras no país, processo de injustiça que é aprofundado em 1850 com a primeira Lei de Terras (nº 601 de 18 de setembro de 1850) do Brasil, o que garante até os dias atuais uma super concentração de terras e consequentemente de renda, que ocasiona um alto nível de desigualdade no campo, desigualdade esta que gera conflitos e disputas constantemente noticiadas pelo país. Ao analisar o estado de Mato Grosso e o acesso a terras, constata-se que no mesmo a questão da propriedade privada da terra e a concentração das mesmas passam por diversos momentos históricos, que vão desde o processo de colonização até as ondas migratórias, com a sua maior e talvez mais importante onda de migração na década de 1980, que ligado aos incentivos governamentais e as biotecnologias advindas da Revolução Verde são pressupostos que determinam a característica agrária do estado.

O estado de Mato Grosso além de apresentar tais características agrárias no plano econômico, também apresenta tal característica enquanto forma ideológica, na qual o agronegócio é narrativa dominante em diversos meios de comunicação em massa, dessa forma, cabe à escola enquanto espaço de debates e a geografia em uma perspectiva crítica da realidade realizar esse debate para desvelar as máscaras sociais e suas contradições, sendo esta a proposta de nossa atividade, realizar o contra discurso da proposta hegemônica.

Fundamentação Teórica

O começo da agricultura

A agricultura passou a ser praticada a partir do momento em que os grupos humanos aprenderam a germinar sementes, pois até então, esses grupos eram nômades, viviam do que coletavam e caçavam, quando não havia mais alimentos era hora de migrar. Em seguida, esses grupos passaram não só a plantar, mas a domesticar animais, deu-se início a pecuária. (TARDIN, 2015, p. 17)

Assim, conforme o homem aperfeiçoava as técnicas de produção e conseqüentemente ampliavam-se as áreas de cultivo, criam-se excedentes de produção, que logo levaria a aglomeração de pessoas que originou nas cidades. (TARDIN, 2015, p. 18)

A agricultura passou então a ser a principal atividade econômica para a humanidade, já que precisamos nos alimentar para sobreviver, entretanto haviam outros afazeres necessários a comunidade, surge então a divisão do trabalho, porém, alguns membros ao acumularem poder, acharam-se donos do que, até então era de todos, assim originou-se a propriedade privada. (TARDIN, 2015, p. 18)

Logo: “a propriedade privada da terra levou a exploração do trabalho alheio e a crescente acumulação privada da riqueza produzida pelos trabalhadores do campo e da cidade” (TARDIN, 2015, p. 18).

A História comprova que as populações que habitavam o território que hoje chamamos de Brasil viviam em agrupamentos sociais, famílias, tribos, clãs, a maioria nômade, e dedicavam-se basicamente à caça, à pesca e à extração de frutas, pois a natureza era pródiga no fornecimento dos alimentos o que fez com que dominassem parcialmente a agricultura. Domesticaram apenas algumas plantas existentes na natureza, em especial a mandioca, o amendoim, a banana, o abacaxi, o tabaco; muitas frutas silvestres também eram cultivadas. (STEDILE, 2005, p. 17)

Estudos arqueológicos mostram que os índios Tupiguarani procuravam se instalar nos terraços fluviais ocupados pelas matas ciliares, cujo solo é rico em matéria orgânica, e favorável a agricultura de coivara. (PROUS, 2007, p. 97)

A agricultura no Brasil

Com a chegada dos colonizadores portugueses que invadiram nosso território, em 1500, tem-se a chegada do capitalismo comercial europeu, que se apoderou de nossas terras por sua supremacia econômica e militar, impondo as leis e vontades políticas da Monarquia portuguesa. Tem-se a organização da produção e a apropriação dos bens da natureza aqui existentes que fez com que tudo se transformasse em mercadoria. Todas as atividades produtivas e extrativas visavam lucro. E tudo era enviado à metrópole europeia, como forma de realização e de acumulação capital, dentre as principais mercadorias tem-se o ouro, o ferro, a prata e outros minérios. (STEDILE, 2005, p. 18)

Mas logo perceberam que a grande vantagem de nosso território era a fertilidade das terras para cultivos tropicais, então, os colonizadores organizaram o nosso território para produzir produtos agrícolas tropicais, de que sua sociedade europeia precisava. Trouxeram e nos impuseram a exploração comercial da cana-de-açúcar, do algodão, do gado bovino, do café, da pimenta-do-reino. E aproveitaram algumas plantas nativas, como o tabaco e o cacau, e as transformaram, com produção em escala, em mercadorias destinadas ao mercado europeu. (STEDILE, 2005, p. 19)

Dá-se o início do modelo agroexportador no Brasil, onde mais tarde estudos apontados pelo banco do Brasil no século XIX, mostravam que mais 80% do que era produzido na Colônia brasileira era exportado. (STEDILE, 2005, p. 20).

A agricultura em Mato Grosso

A ocupação do estado de Mato Grosso até o século XX esteve ligada ao estabelecimento de fortificações e povoados com o objetivo de assegurar os limites do território brasileiro a oeste, com incursões em busca de ouro, pedras preciosas e o desenvolvimento de outras atividades que foram subsidiadas pela agricultura camponesa, que fornecia os provimentos à população que se dedicava àquelas atividades. A partir da década de 1930, com programas federais cujo objetivo era interiorizar a população “excedente” de outras regiões, tem-se o grande fluxo migratório conhecido como a Marcha para o Oeste. (GIRARDI, 2015, p. 25).

No final dos anos sessenta à economia agropecuária de Mato Grosso passou a ter função nítida no cenário nacional, visto que a produção de excedentes era destinados ao consumo alimentar interno e externo. Cujas produções se pautou no cultivo de bens de origem agrícola e na produção pecuária. Os processos produtivos implementados nessas atividades se deram por intermédio da incorporação de fronteiras agrícolas, ou seja, o avanço da unidade de produção capitalista sobre o meio ambiente, terras cultiváveis e terras de agricultura familiar (PEREIRA E MENDES, 2002, p. 61).

Nas décadas de setenta e de oitenta, o Estado presenciou o incremento da participação relativa da quantidade produzida de soja que contava com a implementação de crescentes níveis tecnológicos, em seguida, outros bens de alto valor comercial tiveram incremento acentuado na pauta produtiva interna como o milho e a expansão do dinamismo de algumas

atividades industriais. Logo a partir dos anos noventa a economia de MT se insere na economia nacional com pauta de exportação mais diversificada que no passado mais recente: a soja e seus derivados representam os principais bens de exportação do Estado, temos também a expansão significativa da produção de algodão. (PEREIRA E MENDES, 2002, p. 62).

Importante destacar que no cenário internacional acontecem transformações marcantes como a formação e dinamização de grandes blocos econômicos-políticos, resultantes do processo de internacionalização do capital. Fato que favoreceu o aprofundamento de novo padrão tecnológico, afetando heterogeneamente os países envolvidos (de capitalismo considerado avançado e os dos países periféricos). Tem-se a globalização dos mercados decorrente da internacionalização da economia. (PEREIRA E MENDES, 2002, p. 62).

A despeito da inserção periférica da economia mato-grossense no mercado mundial globalizado, o processo de modernização, em especial da sua agricultura, se dá tanto pelas inovações mecânicas, físico-químicas e biológicas, quanto por novos processos organizativos e gerenciais. Em especial, a direção e o ritmo de expansão das inovações tecnológicas se processam do setor industrial para o setor agropecuário. A modernização da agricultura, ao se caracterizar como processo onde se tem gradual e contínua penetração do capital industrial nas atividades produtivas do campo está associada à inserção da agricultura no circuito de produção industrial como consumidora de insumos modernos e maquinaria. Esse avanço, porém, envolve a subordinação da agricultura pela indústria. (PEREIRA E MENDES, 2002, p. 62-63).

Conclui-se que o grau de modernização da agricultura, depende da disponibilidade e dos resultados da aplicação de tecnologia em diversos âmbitos, como mecânico, vegetal-biológico, físico-químico e organizacional.

As ações do Estado se concentraram em torno do incentivo à criação de projetos agropecuários por empresas e da criação de projetos de colonização públicos (estaduais e federais) e privados.

Os principais programas que afetaram a ocupação do estado de Mato Grosso foram o Plano de Integração Nacional (PIN), o Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste (Proterra), o Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Prodeste), o Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Poloamazônia), o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro) e o Programa Especial de Desenvolvimento do Pantanal (Prodepan). (MORENO, 2005 apud GIRARDI, 2015).

Os projetos de colonização eram articulados com obras de infraestrutura, especialmente as rodovias, modal que determinou o processo de incorporação das novas áreas à economia nacional e internacional e que permanece predominante até hoje. As novas áreas ocupadas em Mato Grosso tiveram papel importante na desarticulação dos movimentos sociais na luta pela terra dos camponeses, em especial do Sul do país que viam em MT uma oportunidade. (GIRARDI, 2015, p. 25)

O processo de apropriação privada da terra em Mato Grosso privilegia o latifúndio, restando aos camponeses, sem-terra ou com terra insuficiente dar início à luta pela terra. A Comissão Pastoral da Terra- CPT registrou as primeiras ocupações em Mato Grosso no final da década de 1980, porém, a luta só foi intensificada a partir de 1996, quando o MST se territorializou no estado. (GIRARDI, 2015, p. 25)

Nota-se que a questão agrária do Estado traz consigo questões clássicas, mas com cunho atual e que muitas vezes é abarca novos problemas. Ao trazer as questões alimentícias temos que pensar os nove bilhões de seres humanos de forma justa e saudável, pois estes seres são os que mais necessitam da reforma agrária sob a égide de outras lógicas que não a capitalista. (GIRARDI, 2015, p. 25)

A agricultura é a primeira atividade na qual o homem altera a natureza. Atualmente, o modelo de agricultura dominante, baseado nos resultados da revolução verde e da revolução agrícola, dominados pelo sistema do agronegócio capitalista (grandes corporações), tem uma racionalidade estritamente econômica, sem comprometimento algum com as questões alimentar e ambiental, submetendo-nos muitas vezes as companhias (multinacionais) que controlam a indústria de alimentos no mundo, e que em alguns casos são também dominantes nos aspectos econômicos e políticos, mas com significativos impactos ambientais e sobre a soberania alimentar mundial.

Metodologia

Para esta atividade realizou-se o levantamento bibliográfico que baseou o projeto elaborado para nortear o desenvolvimento da mesma, que abordou desde o surgimento da agricultura no mundo, como ela modificou-se ao longo dos tempos e como essa modificação na maneira de produzir alimentos interfere no meio e nos seres vivos nele inseridos. Posteriormente elaborou-se o plano de trabalho organizado em quatro horas/aulas, fez-se uso de materiais como: projetor multimídia, mapa e um material pedagógico criado pelo grupo em forma de jogo, que foi chamado “Soberania Alimentar”, este jogo sintetiza todo conteúdo exposto e discutido durante a aplicação da atividade e foi confeccionado com papel cartão e sulfite, papelão, cartolina e E.V.A.

A Atividade

Esta atividade fruto da disciplina de Projetos Educativos em Geografia Humana da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá aplicada na Escola Estadual Ferreira Mendes, em uma turma de 3º ano do Ensino Médio visa discutir junto aos estudantes como se dá a relação existente entre o campo e a cidade com enfoque na produção alimentícia, busca informar-lhes como essa relação influencia em nossa alimentação, seja por um ou mais empresários que garantem o monopólio de mercado no setor alimentício, seja pelo latifundiário que detém a propriedade privada da terra e a utiliza a fim de atender interesses próprios que em geral são atingidos em detrimento do interesse social, seja pela má distribuição de renda ou ainda por fatores climáticos.

Pouco se discute e se questiona a respeito dos alimentos que estão á nossa mesa, por isso levantamos algumas perguntas sobre o tema que foi debatido junto aos estudantes: Qual sua procedência? De que forma é produzido? Como chegou a nossa mesa? Quem o produz? Possui agrotóxico? A segurança alimentar é realmente assegurada? Toda população consegue constituir sua soberania alimentar dentro do sistema capitalista? Entre outras. Por ser um fator tão fundamental e determinante para a vida a alimentação saudável é aqui discutida e vista como um direito de todo ser vivo. Ao discutir sobre os alimentos é preciso considerar tanto seu excedente quanto sua ausência, pois, mesmo com condições tecnológicas de produzir e estocar alimentos suficientes para abastecer a população mundial, muito é

desperdiçado, segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO (2013, s/p.), cerca de 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são jogadas fora por ano no mundo. Além disso, muito do que é produzido está sob o domínio de grandes empresas multinacionais, que visam um mercado consumidor específico, aquele que detém maior poder aquisitivo.

Com a finalidade de demonstrar a realidade alimentícia do Brasil e de Mato Grosso este trabalho traz uma reflexão sobre os modos de produção de alimentos e das relações sociais que estes modos englobam. De acordo com a secretaria de planejamento do Estado – SEPLAN (2012), o crescimento econômico do Estado deu-se por meio do avanço do setor do agronegócio, caracterizado como o “carro chefe” das exportações de Mato Grosso, o que faz com que ocupe o 6º lugar no Ranking dos Estados que mais exportam e também se mantém responsável por 56% das exportações do Centro-Oeste.

Como a atividade foi desenvolvida no decorrer de um mês, buscamos estimular a cada aula o censo crítico dos estudantes ao fazer uso de dados secundários, entrevistas realizadas pelo grupo e o conteúdo teórico apresentado de forma lúdica e de fácil entendimento para que os mesmos possam formular seus conceitos dos diversos elementos citados no decorrer da atividade.

Resultados obtidos e discussão

Cada aula projetada foi elaborada a partir de uma série de referências, ao começar pela ideia de criar o material pedagógico em forma de Jogo chamado “Soberania Alimentar”, que foi pensado a partir da leitura do Artigo: A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia, que traz um jogo como método de aprendizagem significativa. Mas vamos ao início de toda a pesquisa teórica, onde nos embasamos pelo livro: Alimentação saudável: um direito de todos! Deste pudemos retirar uma série de informações que foram parafraseadas pelo grupo e inseridas no debate em sala.

A atividade foi desenvolvida ao pensar uma aula expositiva dialogada, “que pode significar tanto um professor que sentado lê suas anotações sobre o tema da aula, quanto um professor que expõe a matéria com questionamentos dirigidos aos estudantes que propiciam um debate e um diálogo com exposições de ideias de ambos os lados”. (GODOY, 2003, p. 76)

No dia 05/09/2016, em nossa primeira aula, iniciamos a atividade com a contextualização da relação histórica entre campo-cidade, desde o surgimento da agricultura e suas modificações ao decorrer dos anos e avanços tecnológicos, com enfoque na Revolução Verde, discutiram-se conceitos como de êxodo rural, agronegócio, agricultura familiar.

No dia 09/09/2016, em nossa segunda aula, retomamos o que foi explicado sobre a Revolução Verde e suas consequências, discutimos a respeito da produção de grãos realizada em larga escala e a produção das variedades oriundas da agricultura familiar, introduziu-se então os conceitos de feiras livres, agrofeiras e agroecológico. Realizamos uma dinâmica com o apoio de um mapa da cidade de Cuiabá, cuja proposta era pontuar as feiras livres que os estudantes conheciam como ilustra a Figura 1. Esta atividade rendeu a participação de boa parte dos alunos presentes na sala, em seguida sugerimos que os mesmos visitassem alguma daquelas feiras e conversassem com os feirantes a respeito dos produtos que eram comercializados e trouxessem suas informações para o debate na aula seguinte.



Figura 1: Mapeamento das Feiras livres pelos alunos. Fonte: NASCIMENTO, 2016

No dia 12/09/2016, em nossa terceira aula, retomamos o assunto das feiras livres e agrofeiras, mas a contribuição da turma para o debate foi insuficiente, por isso o grupo compartilhou experiência de entrevistar o Senhor Moisés um agricultor familiar que comercializa produtos orgânicos às sextas-feiras na Ecofeira do estacionamento da UFMT-

Campus Cuiabá, após a exposição discutiu-se sobre a concentração de alimentos entre grandes empresas transnacionais do ramo alimentício, explanou-se o conceito de soberania alimentar e segurança alimentar e como estes interferem em nosso cotidiano.

No dia 16/09/2016, em nossa quarta e última aula, nossa abordagem foi inteiramente prática, através da participação do jogo “Soberania Alimentar”, citado anteriormente como o material pedagógico criado para a atividade. O jogo Soberania Alimentar ilustrado na Figura 2 é a síntese de todo conteúdo exposto nas discussões das últimas aulas, este jogo é em forma de trilha e para ser jogado é preciso um ou mais dados e um ou mais participantes com seus respectivos peões que avançarão de casa conforme vão respondendo aos cartões de questão ou leem para os demais participantes do jogo os cartões de leitura que foram elaborados com os conteúdos e conceitos abordados durante a aplicação da atividade.



Figura 2: Estudantes com o jogo Soberania Alimentar. Fonte: Nascimento, 2016

Conclusão

Mato Grosso carrega atualmente toda contradição histórica da questão agrária brasileira, mas é preciso destaca-lo para além da predominância do agronegócio como principal atividade produtiva, este possui uma diversidade social, paisagística e regional complexo e dinâmico que interage intensamente com as escalas nacional e internacional enquanto sustenta conflitos intensos pela reprodução intensificada das desigualdades sociais e regionais que caracterizam o Brasil.

Toda a aplicação desta atividade que foi elaborada a partir de três pontos importantes: O campo como local de produção, a cidade como principal consumidor e a feira livre como um canal direto de concentração e escoamento de variedades de alimentos vindo direto do agricultor familiar. Este trabalho considera a importância de alimentar-se bem para o desenvolvimento de qualquer atividade, cuja necessidade é vital e universal. E faz ferrenhas críticas ao modo capitalista de produção de alimentos, na qual apenas dez companhias controlam a indústria de alimentos no mundo, e as consequências deste domínio para a economia, a política, o ambiente e para soberania alimentar do mundo que são refletidas nas desigualdades encontradas em toda parte do planeta. Considera-se que esta discussão é infindável, pois mesmo com o constante aumento na produção de alimentos tem-se também um aumento no desperdício dos mesmos, este desperdício chega a 1,3 bilhão de toneladas, ou seja, 1/3 da produção total mundial de comida é perdida. Sabe-se que não faltam alimentos, faltam alimentos saudáveis que irão contribuir para a formação da matéria do organismo, assegurar seu crescimento e sua reprodução e defende-lo contra doenças, como afirma Josué de Castro o alimento é a melhor vacina. Com uma alimentação saudável uma criança desenvolve melhor seu cérebro e pode pensar e aprender melhor enquanto um adulto poderá trabalhar melhor e continuar aprendendo.

Em resumo, ficaram a satisfação e o prazer de ter contribuído para a aprendizagem significativa dos estudantes do 3º ano que estão em fase pré-vestibular, já que trabalhamos com uma série de elementos do cotidiano dos mesmos e os expusemos de forma clara e lúdica. A participação dos alunos foi fundamental para atingirmos nossos objetivos.

Esta foi uma ótima oportunidade de contribuir para um ensino público de qualidade com maior integração entre escolas e universidades.

Referências Bibliográficas

CARDIM, F. **Tratado da terra e da gente do Brasil**. Edição organizada por Ana Maria de Azevedo. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

FAO - **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura**. Disponível em < <http://www.fao.org/home/en/>> Acesso em: 22/08/2017.

FARIAS, P. S. C.; COSTA, A. A.; SÁ, A. J. **Agricultura e meio ambiente: as possibilidades e as dificuldades para os modelos agrícolas alternativos**. Revista de Geografia. Recife, Vol. 23, nº 2, 2006.

FIGUEIREDO, Margarida Garcia de; BARROS, Alexandre Lahós Mendonça de e GUILHOTO, Joaquim José Martins. **Relação econômica dos setores agrícolas do Estado do Mato Grosso com os demais setores pertencentes tanto ao Estado quanto ao restante do Brasil**. Rev. Econ. Sociol. Rural [online]. 2005, vol.43, n.3, pp.557-575.

FREITAS, Eliane Sermidi; SALVI, Rosana Figueiredo. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia**. Portal Educacional do Estado do Paraná, 2007.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Uma leitura da questão agrária em Mato Grosso**.

COFINS online- Revue franco-brésilienne de géographie, 25, 2015. Disponível em: < <http://confins.revues.org/10446>> Acesso em: 30/09/2017.

_____. ASSUMPCÃO, Flávio A. Costa. **A Luta pela Terra em Mato Grosso**. 63ª Reunião Anual da SBPC. Disponível em: <<http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/7092.htm>> Acesso em: 30/09/2017.

GODOY, Arilda Schmidt. Revendo a Aula expositiva. In: MOREIRA, Daniel Augusto (org.). **Didática do ensino superior: técnicas e tendências**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. P. 75 – 82.

PEREIRA, Benedito Dias. MENDES, Carlos Magno. **A Modernização da Agricultura de Mato Grosso**. Revista de Estudos Sociais - Ano 4, Número 7/2002.

PIERRI, MCQM; VALENTE, ALEF. **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar**. In: CONGRESSO DA SOBER. 2010.

PROUS, André. O Brasil antes dos Brasileiros: a pré-história do nosso país. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2007.

STEDILE, João Pedro (org.) **A Questão Agrária no Brasil. O debate tradicional 1500-1960.** São Paulo: Expressão popular, 2005.

TARDIN, José Maria. História da Agricultura. In: **Alimentação saudável: um direito de todos! Jornada Cultural Nacional.** Boletim da Educação – Número 13. Dezembro de 2015.

THEODORO, Suzi de Cordova Huff. **A fertilização da terra pela terra: uma alternativa para a sustentabilidade do pequeno produtor rural.** 2000. IX, 225 f., il. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, Brasília, 2000. Disponível em <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20881/1/2000_SuziDeCordovaHuffTheodoro.pdf> Acesso em 11/08/2016.

Revista Instituto Humanistas Unisinos. **Agrotóxicos e agroecologia. Uma questão técnica? Não! Paradigmas diferentes em disputa.** Entrevista especial com Fernando Carneiro. Patricia Fachin e Andriolli Costa. 10 de fevereiro de 2015. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/539755-agrotoxicos-perspectivas-de-uma-desregulamentacao-na-legislacao-sao-enormes-entrevista-especial-com-fernando-carneiro->>> Acesso em 11/08/2016.

Site Integração Natural. **Agroecologia x Agronegócio.** Disponível em <<https://interacaonatural.wordpress.com/2013/08/28/agroecologia-x-agronegocio/>> Acesso em 11/08/2016.

SEDEC - Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Disponível em <<http://www.sedec.mt.gov.br/>> Acesso em: Acesso em 11/08/2017.